

 10.46943/VII.CONAPESC.2022.01.002

## HOMOAFETIVIDADE NO NATURALISMO PORTUGUÊS: o caso do romance *O Barão de Lavos*

**PROF. DR. MOISÉS MONTEIRO DE MELO NETO**

Doutor em Letras, autor de vários livros, artigos e peças de teatro. Professor da Universidade de Pernambuco(UPE) e da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL).

### RESUMO

Estudar as relações homoeróticas, homoafetivas entre homens é tema espinhoso pelo preconceito que paira sutilmente ou mesmo de maneira explícita sobre o assunto. Outros movimentos sociais vêm ganhando força, mas a luta contra a tirania da heteronormatividade ainda carece de muito esforço para se fortalecer. A literatura quando mistura literariedade e sexo, mesmo quando nem se trata efetivamente de relações genitais. Usando as pesquisas de Naphy (2006), Trevisan (2018), Eagleton, 1997, Bataille (1989), dentre outros, propõe-se um leitura do romance naturalista luso *O Barão de Lavos*, de Abel Botelho. Um dos objetivos deste artigo é fortalecer pesquisas nesta área e trazer novas luzes sobre o tema central deste estudo.

**METODOLOGIA:** pesquisa bibliográfica

**PALAVRAS-CHAVE:** Homoafetividade; homoerotismo; homossexualidade; naturalismo português; Abel Botelho

Vamos tratar neste estudo das relações homoafetivas entre homens, especialmente como elas são representadas na literatura e, num recorte mais específico, no romance português *O Barão de Lavos*. Mas, o que é a preferência pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo? Uma predisposição genética ou da educação? Uma combinação de ambas? O fato que muitos, no mundo todo, continuam a ter relações homoafetivas, nada consegue deter sentimentos e práticas de tal relação, principalmente porque em algumas nem há sexo. Porém, há uma predisposição genética para a atração homossexual? Ora, o comportamento sexual na atração pelo sexo oposto tem sido ‘normatizado’ ao longo da história, já a predisposição do desejo homoafetivo foi, historicamente, considerada anormal ou, digamos assim, antinatural.

Curioso que, de acordo com Naphy (2006), prostitutas e prostitutas tinham relações sexuais com os devotos masculinos nos santuários e templos das antigas África Ocidental, Chipre, Corinto, Cartago, Mesopotâmia, Fenícia, Sicília, Egito, Líbia, assim como na antiga e moderna Índia, até o início da segunda metade do século XX.

O desejo de culpar alguém pela homossexualidade é profundo e típico de muitas sociedades, do passado e do presente. Outra questão discutida seria a “diferença” entre os homossexuais ativos e passivos. Na antiguidade, a importância recaía nas posições exercidas por cada um dos indivíduos envolvidos na relação sexual, como afirma o historiador Nussbaum citado por Naphy (2006, p. 22):

O sexo do objeto... não (era) em si moralmente problemático. Os rapazes e as mulheres (eram) muitas vezes tratados alternadamente como objetos do desejo (masculino). O que (era) importante socialmente (era) penetrar em vez de ser penetrado. A relação sexual (era) entendida essencialmente não como uma interação, mas como um fazer alguma coisa a alguém.

Dos milênios antes de Cristo até a era cristã as práticas homossexuais eram uma atividade aceita nas culturas do Próximo Oriente, perceptível em vários textos literários e legais onde a atividade homoafetiva é citada. A exemplo a interpretação feita por historiadores acerca de duas leis do período assírio médio, concluindo que a relação homoafetiva não era vista como algo degenerado e/ou patológica, qualquer um podia praticá-la livremente, desde que não fizesse o uso da violência para realizar o ato, ou seja, o estupro. Nesse interim, havia uma espécie de cultura à margem onde eram possível todo tipo de ambiguidades, misturas e transformações.

“A literatura não consiste apenas numa herança, num conjunto cerrado e estático de textos inscrito no passado, mas apresenta-se antes como um ininterrupto processo histórico de produção de novos textos” (AGUIAR E SILVA, 1991, p.14), as artes em geral têm oferecido ampla discussão sobre a homossexualidade. No século XX mais de dezenas de milhares de homossexuais masculinos foram mortos em campos de concentração pelos nazistas. A representação disto, em texto valioso, encontramos na peça *Bent*, de Martin Sherman, premiada em todos os países em que foi encenada, expondo a perseguição dos nazistas aos homossexuais e o cotidiano sub humano destes no campo de concentração, através da trajetória de Max. Vejamos a trama: nos anos 30, na Alemanha nazista, em plena caça aos homossexuais, o jovem Max tenta fugir de Berlim, mas é capturado e enviado a um campo de concentração, não como homossexual, mas por ser judeu; lá conheceu Horst, que fora preso por assinar um manifesto em favor dos direitos homossexuais. Eles vivem uma inesperada e proibida história de amor.

Quando pensamos que cerca de meio século antes, tínhamos romances que tratam da homoafetividade, como *O Barão de Lavos*, em Portugal, e *Bom-Crioulo*, no Brasil, vemos a importância da Arte, mesmo quando esta exagera no falso moralismo Naturalista de Abel Botelho, ou no discurso dúbio de Adolfo Caminha. Vemos aqui um marco muito importante, no mínimo como incentivador de uma leitura mais aprofundada sobre o assunto. “No Brasil, “depositárias dos ideais de tradição patriótica e dos valores patriarcais, as elites brasileiras sempre se apresentaram muito defensivas e, por isso mesmo, vulneráveis ao fantasma do desejo desviante” (TREVISAN, 2018, p.155)

Já no romance *O terceiro Travesseiro*, de Nelson Luiz de Carvalho (São Paulo, 1998), conhecemos Marcus, um jovem da classe média, ele namora Renato e pensa em formar uma família, mas a sociedade os impede. Surge um terceiro personagem. Utilizando um recurso antigo, o romance afirma que sua escrita foi baseada numa história real. Renato e Marcus têm que lidar com Beatriz, a ex-namorada do primeiro. Um amigo meu, da rede pública de Pernambuco, no final dos anos 1990, foi advertido pela sua Secretaria e quase foi exonerado por ter indicado este livro como leitura para alunos do 3º ano do Ensino Médio.

Mas, vamos voltar à República de Weimar e à peça *Bent*, ali, os homossexuais tinham conseguido uma espécie de proteção, porque se registravam em um órgão, pelo qual se supunham protegidos (contra a assassina discriminação). O que os nazistas queriam, era a ficha de cada um para caçá-los, e esta perseguição continuou nos outros regimes alemães que se seguiram ao de Hitler, até

1969. Registrando aqui que o governo alemão, depois da Segunda Guerra, ditou que alguns homossexuais cumprissem até ao fim as suas penas. Enquanto isso, do outro lado do Atlântico, em 2004, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos invalidou o restante das leis estaduais que proibiam a homoafetividade, menos no Exército. Em outros países houve grandes mudanças. Na Europa, as uniões homoafetivas e os direitos LGBTQIA+ estão sendo legalizados até os dias atuais.

Na Grécia, as relações homossexuais estabeleciam-se normalmente, mas não exclusivamente, e sim entre pessoas de gerações diferentes – um homem mais novo era o parceiro passivo de um homem ativo e mais velho. Na China (e na maior parte do Extremo Oriente), a relação homossexual mais comum era a que acontecia entre um homem de classe social baixa no papel passivo e um homem, de classe superior, no papel de ativo. É interessante, para compreensão do nosso estudo, conhecer um pouco da longa história dessas práticas no nosso planeta para que não sigamos com o crime de querer punir alguém por suas práticas homoafetivas e ignorância de todo o trajeto social delas.

Os deuses da Índia, como na Grécia e em Roma, assumiam várias aparências e mostravam uma grande disposição para amar e ter relações sexuais com vários indivíduos, independentemente do seu sexo. [...] Os deuses hindus não só têm relações homossexuais como mudam de sexo e, o que é mais interessante, nalguns casos podem aparecer tanto na forma masculina como na feminina – ou ainda nas duas formas ao mesmo tempo. [...] O resultado é que o sexo, a sexualidade e o gênero são permutáveis ao longo do ciclo da reencarnação, de um modo geral, ou mesmo dentro de determinada encarnação. [...] Na verdade, só com o domínio a Grã-Bretanha vitoriana é que as culturas indianas começaram a mudar (NAPHY, 2006, p. 30 - 31).

A literatura, como um todo, trata mais das relações heteronormativas. O mundo ocidental é guiado pelos valores judaico-cristãos-islâmicos. Contudo, num aspecto, o Islão distinguia-se destas religiões. Pois, como afirma Naphy (2006), no século XVIII a poesia e a música passam a ser dominadas pelos homens. O mesmo autor, ainda cita, em especial, uma peça de caráter homoafetivo, onde é mostrado o sofrimento do amante que anseia em ver seu amado novamente.

O nome do autor do romance *O Barão de Lavos* é Abel Botelho, e ele dedica o livro ao seu irmão (Luís Botelho). A narrativa começa com o período “Naquela noite de março, desabrida e úmida, uma grande animação fervilhava alegremente ao fundo da Rua do Salitre. Era 1867”, isto é, 11 anos do tempo no qual

o autor está escrevendo. Que bom, termos nas mãos, um romance europeu do século XIX sobre homoafetividade, escrito em português. Boa maneira de começar um romance. Excitação crescente, expectativa, atrações espetaculares à disposição. Mas, a animação continua:

Frente a frente, as variedades e o Circo Price [...] tudo queria bilhete [...] a iluminação profusa dos dois teatros doirava, remoçava, erguia as caliças octogenárias das variedades [...] um homem vagava [...] não tinha pressa em entrar [...] nesta ansiedade tortuosa de quem procure com aferro alguém [...] A multidão passava, automaticamente [...] No olhar [...] a obstinação dum desejo [...] forte preocupação animal”, nos lábios e maxilares. Deve ser capaz quem ele procurava, porque os olhos [...] pousavam de preferência nas faces imberbes, levemente penujosas dos adolescentes. Fitava-os com uma fixidez gulosa e sombria (BOTELHO, 1982, p. 7-8).

Vemos que o narrador em 3ª pessoa trabalha com um jogo de *fort da* (mostra / esconde) freudiano. Parece observar tudo a distância, mas impõe subjetividades, também. Dos garotos que passavam rápido os que se detinham, nesses o homem “roçava-os de leve com o braço; tocava-lhe as coxas com a bengala, como distraído; postava-se-lhes ao lado [...] cauteloso [...] não fosse por aí aparecer e surpreendê-lo alguém conhecido” (BOTELHO, 1982, p. 9).

Vemos que o narrador armou rapidamente um caramanchão de orgias, vendáveis e proibidas. O homem é chamado de “notívago caçador de efebos”, “tiranizado por um vício secreto”, talvez “feroz melancolia” (BOTELHO, 1982, p. 9). Ele encontra um coronel que o cumprimenta: - “Bravo, barão!”, o Coronel foi embora e o nobre pegou um “rapazito de 15 anos, pele morena, olho avermelhado, tipo insinuante de maroto [...] calça branca muito justa” a vender “gulodices” com sua cestinha. Quando se viu encarado, aproximou-se: “— Quer pastelinhos, freguês?”. Subiu um cheio “morno a canela e manteiga” (BOTELHO, 1982, p. 10). O barão se insinua o rapaz se afasta com “tom de desprezo”. Aparece o amigo Henrique Paradela. Tal aparição durante o “torvelinhante mistério de alucinação do seu vício, envergonhou-o, aclarou a razão, deu-lhe a medida do próprio aviltamento” (BOTELHO, 1982, p. 11). Vemos aqui que o narrador critica este tipo de relacionamento, desde o início.

O Barão mostra-se um individualista. “Há várias formas de desconstruir, ampliar o sujeito individualista, em particular, através de identidades geradas a partir do gênero, etnia e raça, ou ainda classe social, nação e cultura.” (LOPES, 2002, p. 175). Tudo isso vai incrementando a narrativa que se move como um

torvelinho tendo no centro um homem num frenesi artístico, sexual e social pouco convencional.

O texto deixa claro que a heteronormatividade é eixo inviolável. Mas o homem diz: “—Estou à espera de uns rapazes ... Combinamos vir ao circo, hoje... Mas demoram-se [...] — E a Elvira?” pergunta a esposa de Henrique ao Barão. Então supomos que é casado (IBID, p. 11). Leonor diz que vai comprar coisas para os “os pequenos” e um presente para uma empregada que vai se casar “depois de amanhã” e a chamou para madrinha. Temos aí um quadro sociológico em síntese. A mulher só se despediu, mandou o Barão avisar a Elvira. “Depois de amanhã não falem” (BOTELHO, p. 12). De dentro do circo vinha um estalo de chicote. Lá dentro a “função” seguia “com monotonia de costume”: Clowns, trapezistas, cães, cavalos, mas “um Hércules monolítico e um rapaz acrobata, “reacenderam-lhe os instintos pederastas” (Ibidem, p. 13). Parece que o narrador critica e sente a mesma atração do personagem, paradoxalmente, as [...] demências quentes do sensualismo pagão. A um tempo viril e doce [...] hipnotizava-o” [...] olhos de veludo negro” (Ibidem, p. 14). O narrador insiste ao comparar os olhos e olhares com o veludo. “O desejo mordida-lhe os nervos [...] fascinação doida [...] dolorosa [...] o Sócrates não ficou mais inteiramente subjugado, no seu primeiro encontro com Alcebíades” (BOTELHO, p. 14).

Ao invocar a Grécia a narração beira o óbvio, em meio ao hino que já nos traz à mente, o famoso relacionamento do velho mais feio com o jovem mais belo de Atenas. O Barão sai e um rapaz de “grandes cílios, fortes e sedosos” que se deixa seduzir por uns tostões, leva-o a um recanto, propõe-lhe coisas (que o narrador vê de longe e não escuta de primeira vez), parece acercar-se do ponto nevrálgico deste primeiro capítulo: “— Está doido!... eu não, senhor!”. Chovia. Ficaram os dois num canto sob o mesmo guarda-chuva. O narrador diz que a conversa era “ignóbil” (BOTELHO, 1982, p.14). “Projeto interno de redução o rapaz escutava manso, resignado”. Aí acaba a apresentação, o público de circo passa. O narrador diz que entre os rapazes passam alguns com “corpinho bem feito” (vemos confirmadas as atitudes dúbias do foco narrativo). O Barão dá uma moeda de ouro ao rapaz e diz “não faltes! [...] separam-se: o pederasta, leve, orgulhoso, com a esperança radiando nas feições; o efebo, cabisbaixo, vergando a um problema, contanto as pedras da calçada, grave, meditando” (BOTELHO, 1982, p. 15). O retrato parece nítido: prostituição por motivos sociais. Mas também é fundamental lembrarmos aqui a como se dá o início da homofobia (1300-100 a.C.)

É justo aqui tratarmos dos vieses deste tipo de relação, por dinheiro ou por natureza e como buscou-se ardentemente uma punição por isto:

O monoteísmo, possuía também um código (a lei mosaica) que colocava o comportamento e o “ser” em primeiro plano, realçando o impacto dos próprios atos. Além disso, a lei também classificava como abominável usar roupa de dois tipos de tecido ou semear duas espécies de sementes num único campo – assim como os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Finalmente, o número de situações ou atos que poderiam levar alguém a ser excluído (temporária ou permanentemente) do povo de Israel era igualmente eclético: ter os testículos defeituosos; ser filho ilegítimo; sofrer de eczema; ter poluição noturna; morar numa casa com humidade ou caruncho. Os prostitutos masculinos eram muitas vezes castrados e participavam nas cerimónias exibindo a sua androginia e efeminação. É bem possível que a aversão homossexualidade (ou, pelo menos, à sua versão “sagrada”) explique em parte por que razão a Bíblia proíbe os eunucos de participar nas assembleias públicas (Deuteronomio 23:2) ou o travestismo (Deuteronomio, 22:5). Como os regulamentos levíticos, a história de

Sodoma deve ser entendida neste contexto. Trata-se do principal relato bíblico fora do âmbito das leis que apresenta opiniões sobre a homossexualidade. Para demonstrar que a principal razão para a destruição de Sodoma foi a homossexualidade teríamos de interpretar as “coisas abomináveis” de Ezequiel como alusivas apenas à homossexualidade e assim ignorar tudo o que Ezequiel enumerou primeiro. Além disso, conhecendo o método literário hebraico de fazer uma afirmação e depois repeti-la para lhe dar ênfase. A primeira frase como a oração principal e a segunda como uma reformulação da primeira. O Dilúvio foi também justificado em parte por atos sexuais (NAPHY, 2006, 39-40).

É à luz de tanto horror e fobias que se alastram como câncer social que nos aprofundamos na leitura do romance de Abel Botelho e a utilizamos para expressar nossas opiniões. O conhecimento de diegese pode ser prático ou teórico. O comportamento de um estudioso diante do livro naturalista português *O Barão de Lavos* nos traz à lembrança, como sempre na ficção literária, que há uma vida animal, uma política, uma artística, e que devemos, às vezes, com o ambiente cultural interrelacionado com a obra e que diante do fato literário podemos adotar 5 tipos de comportamento: 1) o de leitor interessado em compreender a obra; 2) o de analista, interessado em decompor a obra nos seus elementos, com vistas à compreensão profunda e rigorosa de sua forma e seu conteúdo; 3) o de historiador, interessado em determinar a situação de obra em seu sistema histórico; 4) o de crítico, interessado em julgar a obra, mesmo



uma obra muito antiga, segundo escalas de valor, como a artística, a moral, a intelectual, como estamos fazendo aqui e complementando isto com um olhar teórico interessado em extrair da obra e de tudo o que com ela se relaciona, ideias gerais, e elaborar estas ideias tendo em vista formular uma quase teoria acerca do que é essencial nos fenômenos literários, lembrando que a Teoria da Literatura tem como objeto de estudo, todos os fatos literários. Temos que nos definir: análise, historiografia, crítica ou teoria literária, ficamos com esta última, pois ela se ocupe de todos os fatos literários.

Voltemos mais uma vez no tempo para seguir pegadas históricas que nos conduzam a esclarecer mais o pesquisador interessado no tema.

O último grande imperador “romano” (bizantino), Justiniano (d.C. 482-565), introduziu as primeiras leis destinadas especificamente a proibir todos os tipos de relações homossexuais. Em 533, colocou todos os atos homossexuais ao abrigo da lei que punia o adultério (com a morte). Em 538 e 544, outras leis instavam todos os homossexuais a arrepende-se dos seus pecados e a fazer penitência. Os que continuassem a ser “homossexuais praticantes” (para usar uma expressão atual) deviam ser entregues ao prefeito (magistrado) da cidade [...] Pouco depois, o imperador ordenou que todos aqueles declarados culpados de relações homossexuais fossem castrados. [...]A partir de então, os que sentiam desejo por outros homens viviam aterrorizados (NAPHY, 2006, p. 92-93).

Depois de tecer tais observações que nos levam a comparar épocas e valores, entre nobres e plebeus, vamos começar pelas estruturas genéticas do romance *O Barão de Lavos*, suas categorias estético-literárias que condicionam a obra e permitem nossa compreensão. Vamos estabelecer nosso método. A teoria neste ponto não é propedêutica, apenas podemos recorrer a ela, sabendo que o que nos diz respeito agora não seria usá-la na análise da estrutura da obra em si. Não buscamos regras dogmáticas, judicativas.

## Os dois lados da moeda

Nosso estudo se desenvolve em dois níveis de trabalho. O de caráter científico (pesquisa, análise dos fatos literários), outro de caráter filosófico (formulação de hipóteses de trabalho e de teorias sobre os resultados desse trabalho).

O conhecimento teórico dos fatos literários se funda nos seguintes princípios: 1) o ato criador, reações do leitor, isto não sem análise literária, nem



historiografia, nem tratamento crítico; 2) o estudo teórico em si, a forma, a obra e sua influência, sobre o público; 3) especulações acerca de realidades abstratas da vida literária (fundamentadas em conhecimento científico); 4) análise objetiva sobre o ato psicológico que criou esta obra, uma “tendência”, “moda literária”, como se diz antigamente, e a análise literária; 5) como a teoria da literatura é uma disciplina *in progress*, queremos compreender sua evolução, seu estudo atual, suas perspectivas. Lembrando sempre que nosso objeto primordial é a obra, os secundários são: o meio ambiente cultural da obra, o escritor, o leitor, o público e a história literária da qual ela faz parte.

O público não é só a soma dos leitores, mas também uma entidade coletiva, grupo social com seu peculiar comportamento. Mas, podemos tomar como objeto de estudo da teoria da literatura suas relações com os demais estudos literários (a crítica, a análise e a historiografia literária) e com a psicologia, a linguística, a estilística, a sociologia, a filosofia, a história, a estética, a ética, dialogam com a teoria da literatura, uma ciência do espírito que tem como objeto. O mundo literário criado pelo homem, no transcurso dos séculos; ciências como ela, abrangem todos os domínios da multimoda atividade humana. A teoria da literatura não pode aspirar à objetividade completa, rigor e exatidão que caracterizam as ciências exatas e as ciências da natureza.

Na acepção psicanalista na segunda metade do século XIX a homossexualidade era tida como perversão, o que transparece neste romance, *O Barão de Lavos*, concepção que não foi unânime. “A perversão homossexual da psicanálise fez triste e pífia figura de guardiã da belle époque [...] uma noção indefensável” (COSTA, 1992, p.85).

A questão é expressa neste romance naturalista português. Qual seria a finalidade? Dependendo do ponto de vista teórico adotado, podemos ver a Literatura como meio para algo ou como fim, como sinal de mudança ou registro de uma época, como sintoma da evolução – ou não – da psique humana ou um traço de que ela se mantém a mesma durante o correr dos milênios. Isso não é dizer quais teorias estão certas ou erradas, apenas demonstrar que cada parte de um ponto de vista teórico diferente, sendo que cada vez mais o ponto de partida não é a própria Literatura e sim a Psicanálise, a Sociologia e a Linguística – para darmos nomes aos principais Teorias sobre estudos literários.

Como olhar para o ano de 1867 (da narrativa ou 1888 do autor comparado à obra)? Não queremos jamais dizer “naquele tempo era assim”, isto é ridículo diante das obras icônicas dos gêneros lírico, narrativo ou dramático. Queremos aqui lembrar que um estudo literário deve ser democrático, nunca elitista. O

próprio conceito de literatura, leitura e crítica não deveria se interpor entre o leitor e a obra. Devemos eliminar esta repressão.

Achamos que a Literatura *poderia* ser definida como a escrita, no sentido de ficção. A Literatura emprega a linguagem de modo peculiar. Os elementos literários formais que provocariam o efeito de estranhamento, ou *desfamiliarização*. Sob a pressão de tais artifícios a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida, renovando reações habituais, tornando os objetos mais perceptíveis. Resultado: intensificação de nossa vida material. Nesta obra de Abel Botelho o sexo entre homens é apontado como uma aberração que fatalmente leva seus praticantes à mais terrível decadência.

Como avaliar, por outro lado, o valor literário desta obra? A literatura não é uma entidade estável e bem definida. São notoriamente variáveis os juízos de valor nesta área. O ato de classificar algo como literatura é extremamente instável. Os interesses são constitutivos de nosso conhecimento. O Naturalismo buscava fazer o estudo patológico da sociedade numa crítica social intensa. *Valor* significa tudo aquilo que é considerado valioso, por certas pessoas, em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos.

Os juízos de valor literários podem ser subjetivos e interesseiros. Há uma estreita relação deles com as ideologias sociais. Mas será que interpretamos Literatura, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses? Será que nossa leitura de *O Barão de Lavos*, hoje, é parecida com a do final do século XIX, quando foi lançado? Ou as obras literárias são reescritas, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem? O que dizer de uma pessoa que acredita que os papéis sexuais têm raízes apenas na biologia humana, como faz o narrador do mencionado romance?

O belo, na tragédia grega, não era conveniente mostrar pessoas de “bem” passar de felicidade ao infortúnio, nem homens maus passando do crime à prosperidade. Analisar o personagem do *Barão de Lavos*, tentar defini-lo no plano das nossas ideias, sabendo o quão abstrata é a essência de ato criador desta obra, é o que nos interessa. O processo criativo que produziu esta obra estava no interior de Abel Botelho.

Outro fato literário que buscamos é o leitor (depois do autor e da obra) no seu empenho de compreensão (aqui lançaremos nossas hipóteses, nos dias de hoje). Não há receitas para um romance perfeito, mas a liberdade criativa nesta área tem o seu poder inventivo sob mira técnica de uma indústria que conta agora com uma tecnologia nunca antes alcançada e não queremos desprezar

tudo a que estamos assistindo no mundo ao analisar este livro que foca em pontos que nos interessam muito: a heteronormatividade e a homoafetividade. Se observarmos como os assuntos eram tratados na antiguidade, veremos exemplos notáveis na área, como por exemplo: o imperador Adriano, cujo amante Antínoo morreu afogado no Nilo.

O cristianismo (juntamente com o judaísmo e o islamismo) valorizou tradicionalmente a procriação, mais do que o prazer (se não mesmo com exclusão deste). A cultura indiana não o ter – entendendo antes que o prazer (kama) encontra “a sua finalidade em si mesmo”. O prazer é um fim em e de si mesmo. [...] A cultura indiana, nas suas variadíssimas formas sociais e religiosas, parece mais interessada na emoção e no amor do que na mecânica da procriação. [...] Assim, o masculino e o feminino não são distinções de essência, mas categorias “criadas pela sociedade” as quais são atribuídos certos papéis (NAPHY, 2006, p. 45).

Nessa concepção, é possível perceber que o ato sexual era comumente direcionado e explicado somente para o intuito da reprodução da espécie, algo que reverbera até hoje em algumas comunidades. Excluindo a capacidade humana de sentir prazer, por meio do momento de *clímax*, provocando pela junção de dois seres conscientes de si enlaçados no movimento de sensações denominado erotismo, conceito esse defendido por Bataille em sua obra *O Erotismo*, discutido mais adiante no corpo deste livro.

## O lar do pederasta

“Boa noite, Vivi”, a baronesa lia com interesse *Madame Bovary*. O segundo capítulo não poderia começar de modo mais interessante. Ele beija a esposa “maquinalmente”. O narrador escolhe palavras modernas. A esposa com os “crespos riçados sobre a testa pequenina”, sorriu para o marido com uma “indiferença amável” (BOTELHO, 1982, p. 18).

Nem Eça, nem Machado deram um golpe tão certo e tão abrangente. *Madame Bovary*, lê a esposa do pederasta. Já sabemos o que vem por aí, mas o jogo linguístico é saboroso, no sentido de Roland Barthes, em *O prazer do texto*.

Que livro, este!... – exclamou a baronesa num profundo acento admirativo, retomando com delícia a leitura interrompida [...] nunca li algo que me focasse tanto!

— Sabes tu quem vi?... [...] Os Paradelas. Porém a baronesa, correndo logo:

— Sim, sim ... mas deixa-me ler” (BOTELHO, 1982, p. 20).

A família está deslocada do eixo habitual a qual unida faz mover todo o sistema. A esposa lê Bovary e o marido marcou encontro com um rapaz menor de idade, iria comprar-lhe favores do sexo. O narrador vai examiná-la, apresentá-la ao leitor: “mulher delicada”, miudita, frágil, picante [...] que apetece à gente ao mesmo tempo contrariar e amar servilmente, acariciar e destruir”. (Ibidem, p. 20). Notamos que o fetiche ronda esta narrativa. Certa coisificação apetitosa “luminosa e frívola. Olhos grandes entre o cinzento e o verde” (Ibidem, p. 20), o narrador nos puxa para olhar de perto aquela mulher na chaise-longue. Os olhos

[...] um tudo-nada metálicos [...] translucidez enxuta e saudável [...] nariz imperceptível, fino, erguia-se na base em arrebite [...] feito provocante, entre malicioso e altivo [...] a testa, desanuviada, lisa [...] não havia notícia de passagem de um pensamento grave [...] duma justa noção de dever [...] pela curva da face, de uma alvura crassa de leite, subia de cada lado do mento à fontes, a sinuosidade de uma veia tenuíssima (BOTELHO, 1982, p. 20).

O superlativo final parece-nos remate importante do jogo linguístico em andamento. Mas o Barão é o protagonista, e não está madame aí exposta, em “um conjunto fascinante de mocidade e graça, de petulância e mimo” (BOTELHO, 1982, p. 20). Se fôssemos compará-la à esposa de Miranda, em *O Cortiço*, veríamos com que diferença o adultério vai se consumir. Por enquanto, o Barão (não lhe sabemos o nome, ainda) “cérebros e mãos a arder”, saboreia o alívio de chegar em àquela “casinha” (um palacetezinho, seria melhor dizer) (Ibidem, p. 20). “Se os sentidos se normalizavam, a alma continuava estrebuchando numa exaltação dolorida. Aquele silêncio exasperava. Quis convencer, mas “Vivi” soltou-lhe esta: “não andaste por lá bem sem mim até agora?... pois deixa-me ler” (BOTELHO, 1982, p. 20). As marcas linguísticas são repetidas desde as primeiras linhas: uso de exclamações e interrogação deixam o leitor numa espécie de vácuo que criam um ritmo afetado, de certo modo, na narrativa.

Não bastou o texto ao marido, o narrador ainda sobre, Vivi (Elvira, que se casou por interesse da própria mãe e não tinha filhos):

[...] a boca vincava-se-lhe aos cantos, muito acre, e as veiazinhas da face coravam-se-lhe do roxo ligeiramente engrossadas [...] há um biombo, com cinco painéis, de cetim preto, sobriamente bordados de aves pernaltas, gramíneas capilares e florinhas tênues [...] delicada fantasia [...] velhas porcelanas [...] um piano

de cauda sobre um estrado [...] quadros [...] estilo puríssimo  
(BOTELHO, 1982, p. 20).

Novamente um superlativo no discurso do narrador. A descrição de alguns ambientes da casa, descritas com minúcias, parecem feitas para caracterizar o casal, a classe social e preparar o leitor para acompanhar o drama das esposas, uma espécie de duelo se anuncia.

O Barão entediado escuta Vivi dizer “tens aí os jornais para ler” (Ibidem, p. 23). Ele escolhe a *Gazeta de Portugal*, no qual colaborava. “Muito longe um do outro”, ele “no vício”, ela “envenenando os sentidos na tragédia dissolvente de *Madame Bovary*” (BOTELHO, 1982, p. 23).

No campo semântico pululam expressões como “envenenando os sentidos” (ela), “destrambelhamento de seu vício” (ele). Mas é ainda o Barão que está num frenesi pior do que o de Ema Bovary. Da esposa não temos acesso ao que aspira, ainda. O narrador faz um comentário: “Era lógico derivava naturalmente da índole; da educação das condições de ligação dos dois esta situação mortificante” (BOTELHO, 1982, p.). Sabemos então que o Barão vem, por “enxertia duplamente bastarda” de duas das mais antigas e ilustres famílias de Portugal e assinava “D. Sebastião Pires de Centro e Noronha (Ibidem, p. 23), um nobre com *pedigree*, mas de uma estirpe impregnada de “vícios.

Aqui poderíamos estabelecer um dos pilares de nossa teoria sobre tessitura do romance, no que diz respeito aos narradores, característica essencial deste gênero, elemento fundamental. Podermos falar da forma, conteúdo, estilo, ainda não sobre o autor, mais podemos já dizer que Eça abriu caminho ao Naturalismo de Abel, posterior ao Realismo. O leitor, o público, o ambiente cultural já estavam dobrados, mas agora a lente põe-se diante da atração física entre homens. E há uma esposa em ação.

Uma das características da obra literária é o tipo de realidade que ela transmite: conhecimento intuitivo e individual, aquele que cada um de nós tem dos fatos e das coisas: sabemos o que se passa dentro de nós (sentimentos, ideias, imaginação) e em volta de nós (o comportamento das pessoas, fenômenos naturais e sociais etc.). O mesmo ocorre com o escritor e, assim dizemos que sua obra (como qualquer obra de arte) expressa seu conhecimento individual e intuitivo da realidade.

Não podemos esquecer que lendo um romance, como este de Abel Botelho, o que caracteriza a obra literária é, em princípio, o seu conteúdo, semelhante ao conteúdo comum das pessoas, mas que deste se distingue por ser fruto de uma intuição mais profunda e original da realidade.

Na obra literária as regras da expressão são as criadas pelo próprio artista. O conteúdo e a forma distinguem o romance *O Barão de Lavos*, como uma das obras mais provocantes da literatura portuguesa última fronteira do século XIX. Por quê? Vamos investigar.

D. Sebastião, que ironia chamar assim o Barão que criou. Botelho parece não usar de sutileza ao tratar do seu tema. O que começa a latejar desde o início da obra parece beirar a obviedade sem camuflagem, embora haja prolongadas digressões como a que usa pra narrar as origens do Barão 300 anos antes. Quando um Castro raptou uma virgem, riu numa missa e desconfiou publicamente dos jesuítas (1541), nos tempos do rei D. João III.

A teoria da literatura vem estudando a questão do foco narrativo com afinco. A recrudescência de certos aspectos vem se mostrando eficaz, às vezes, como, por exemplo as digressões do narrador. Machado de Assis deu exemplos disso no seu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em outras obras. Ao mergulhar na “romanesca mancebia” dos Castro, desafiando o Rei D. João III, na época da “deflagração dos sinistros autor de fé”, o narrador talvez estivesse usando de astúcia, plantando algo para colher mais adiante. Trata-se de como foi gerado o 6º avô de nosso Barão de Lavos. Aí vem uma chave: o atavismo gerando os “vícios constitucionais”. Lembremo-nos que o cientificismo estava no auge, em 1888, ano em que a obra foi escrita. Os “instintos doidos de pederastia” teriam sido “inoculados e progressivamente agravados na sociedade portuguesa pelo modalismo etnológico da sua formação. A inversão sexual do amor, o culto dos efebos, a preferência dada sobre a mulher aos belos adolescentes, veio-nos com a colonização grega e romana” (BOTELHO, p. 26).

Segundo o narrador a pederastia foi “obscena invenção de Ganimedes, príncipe troiano duma beleza maravilhosa [...] vício trivial em lado o Oriente” (BOTELHO, 1982, p. 27). Observe-se o jogo contraditório exposto com a palavra “maravilhosa”, no trecho destacado acima. Não há limites para a exposição e o narrador vai buscar respaldo no Vaschkala, um dos Upanishads do Rigued, da mitologia indiana, quando Indra em pessoa rapta o jovem Medhatithi. Voltando a falar dos romanos, ele diz que o “véu da amizade encobria infamíssimas torpezas” (BOTELHO, p. 27). Parece texto mais para atrair de que para repudiarmos instintos desrespeitado nos leitores? “a reciprocidade no gozo sensual era o melhor laço para o coração de dois amigos” (BOTELHO, p. 27). Esta herança romana, por “transusão crudelíssima” (o narrador sempre com superlativos operou-se na península ibérica sob influência dos colonizadores, nas “penumbras druídicas, das suas florestas” (BOTELHO, p. 28). É um jogo barroco, linguagem usada

na criação do texto. Algo permeado por uma ambiguidade evidente; também é citada esta prática homoafetiva como herança árabe, as “açoentas aproximações”, as iniludíveis exigências” entre os homens, longe das mulheres na “regalia sensorial da carne”. Isso para falar de como nasceu o 6º avô do Barão, num *affair* homossexual. Desde o “primeiro cardeal” pederasta “baixando os olhos contritos ante as imagens do Deus vingador” (BOTELHO, 1982, p. 28-29). Parece que o Barão representa apenas o mal. Ao ler *A Literatura e o Mal* de Georges Bataille (1989) podemos notar que o mal é um tema recorrente nas obras literárias e desta maneira se consolidou meu interesse nessa perspectiva de estudo.

Freud, em *O Mal-estar na Civilização* comenta sobre o propósito da vida humana, questão levantada várias vezes sem resposta satisfatória:

[...] se fosse demonstrado que a vida “não” tem propósito, esta perderia o valor [...] temos o direito de descartar a questão [...] só a religião é capaz de resolver a questão de propósito da vida [...] os homens querem ter felicidade e assim permanecer [...] eis o princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início (FREUD, 1996b, p. 83-84).

Ao analisar a personagem do Barão, o narrador fricciona-o com os fenômenos sociais daquele espaço e tempo. Ainda não podemos falar de anticlericalismo. A digressão acaba para falar de infância do Barão, aos dez anos, no colégio, quando seu pai, já velho, sai de Lisboa, para morar em Lavos, Sebastião vai ser educado por jesuítas. O menino era estudioso e gostava de “apanhar o lado belo das coisas” (BOTELHO, 1982, p. 30). Ele trocou cartilhas “ridículas”, “ensaios precipitados de cápsula nos banheiros.

As descrições das agonias da homoafetividade do jovem Sebastião são feitas por um narrador que parece entender muito do assunto, mesmo quando trata a masturbação como “evacuação seminal provocada por ele próprio”. Aos 16, o garoto sai do colégio para a vida exterior. Olhos negros, ombros estreitos, “bacia ampla” (BOTELHO, 1982, p. 30-31). Continuou em Lisboa, cursando a Politécnica, longe do pai. Não se fala da mãe dele, até aqui. Aos 20, Sebastião preferia as garotas aos garotos. O narrador usa exclamações para falar do gosto pelo inefável, nas incursões pela arte, foco do jovem. O narrador elogia a pintura mostrando a nudez de Antínoo (BOTELHO, 1992, p. 33). Isso nos faz lembrar alguns aspectos da luta por tais “paixões” entre iguais:

Atos sexuais (desde a masturbação, passando pela fornicação, adultério e homossexualidade, até à bestialidade) são simplesmente condenados por serem estéreis, antinaturais e sodomíticos. Não há provas de uma hierarquia de pecados com



a homossexualidade no topo. Pelo contrário, ou pelo que se consegue perceber, o adultério e o incesto eram considerados os piores pecados sexuais imagináveis. Assim, vemos o Concílio de Londres (1102), a exigir explicitamente que a sodomia fosse confessada como pecado. Curiosamente, Santo Anselmo (1033-1109; arcebispo de Cantuária) recusou-se simplesmente a publicar o decreto, dizendo numa carta a um dos seus arce-diagos e amigos íntimos: “Este pecado tem sido até agora tão público que quase ninguém se envergonha dele, podendo por isso ter nele incorrido porque ignorava a sua gravidade”. O pecado podia ser grave mas Santo Anselmo parece ter mostrado pouco interesse em tomar medidas efetivas contra ele. Além disso, o decreto do concílio deve ser visto em contexto. Antes de o IV Concílio de Latrão (1215) ter estipulado a confissão anual, a maioria dos cristãos confessava os seus pecados apenas uma vez – na segurança do seu leito de morte (NAPHY, 2006, p. 98).

Em *O Barão de Lavos*, o personagem principal viajou pela Europa e apreciou obras retratando belos rapazes, no Louvre e outros museus. “Em 1860, morreu-lhe o pai” (Ibidem, p. 34). Filho único, herdou tudo. Começaram as “devassidões, o “desvio fisiológico [...] teve medo” (Ibidem, p. 35). Casou com a filha de um negociante de panos, Elvira, uma “burguesita leviana e ignorante, fútil, não tendo da moral a compreensão mais estrita [...] inteligência estreita” (Ibidem, p. 35). Não procurava um “macho”, queria casar com o nobre D. Sebastião e o fez, indo morar no palacete, satisfazendo sua aspiração de burguesa. Quando os encontramos no primeiro capítulo, eram casados havia três anos.

A literatura é uma forma de conhecimento, compreensão aplicada ao homem e às suas relações com o universo, à sua luta pela assimilação desse universo, uma forma de conhecer. No romance *O Barão de Lavos* isto se retrata, vemos a ficção imitativa, a reprodução laboriosa, quase impossível da paisagem interior que compõe o caleidoscópio dos personagens. Abel Botelho esboça um devastador panorama interior de um sujeito homoafetivo reprimido, visto sob a ótica de uma sociedade que o negava. Não se trata de uma cópia fotográfica, mas de uma deformação tendenciosa, fusão de planos, ampliações, troca de vibrações e eflúvios. Vemos ali que os conhecimentos artísticos parecem inalteráveis desde os tempos mais remotos: Botelho usa as armas da intuição, estas vêm se complicando através do tempo através da expressão artística. Os sentidos não ganharam agudezas novas, as técnicas é que se aguçaram na criação, falamos aqui de literatura, é a criação de uma suprarrealidade com dados profundos, singulares e pessoais da intuição do autor. A emoção estética provém

da harmonia entre a originalidade do fundo ou o conjunto de dados intuitivos novos e o relevo expressivo de forma. O quadro social e individual exposto neste romance é algo que exige de nós, hoje, atenção.

O terceiro capítulo anuncia que um “constrangimento acre”, “arrelizador”, uma “turbação rebarbativa de desgosto”, um mal-estar de disputa “ensombrava aquela atmosfera conjugal na aparência tão calma [...] a tormenta se encastelava rápida [...] uma faísca de ódio havia de chispar” (BOTELHO, 1982, p. 38). O uso de aliterações no resto do texto nos faz pensar na busca de um efeito sonoro a juntar-se aos outros recursos dos quais o autor lança mão, como o ritmo, um tanto quanto dissoluto. Mas o “decoro doméstico” se mantém, com reservas, como a que vimos no capítulo um, quando Elvira prefere o contato com *Madame Bovary* a conversar com o marido que chegara de uma noitada ferosa.

Na manhã seguinte a baronesa, com seu “corpinho roliço e fresco”, olhava as mulheres e dá ordem ao criado de mesa, evitando o olhar do marido, que também não queria cruzar o olhar com o dela. O narrador descreve ambiente, roupas, adereços e corpos dos personagens com minúcias. Apesar de termos um narrador moralista, as observações nos fazem lembrar alguém que conhece muito bem o *metiér*. Não temos descrições tão específicas quanto a que segue aí abaixo, mas, sutilmente poderíamos encontrar algo parecido:

Alguns praticam o perverso ato da sodomia esfregando o pênis com a mão (masturbação, mútua ou solitária); outros esfregando-o entre as coxas (sexo intercrural) de jovens (adolescentes), que é o que mais fazem hoje em dia; e friccionando em volta do ânus e introduzindo nele o pênis da mesma maneira que é introduzido nas partes sexuais da mulher. As pessoas sabiam o que os homens fazem uns com os outros. Que algumas figuras importantes da época tinham relações com outros homens (e mulheres) era também bastante conhecido. Assim, as aventuras amorosas de Ricardo I, Coração de Leão, rei de Inglaterra (1157-1199), por exemplo, foram tema de muitos comentários. O seu primeiro caso conhecido (enquanto duque de Aquitânia) foi com Filipe II, rei de França (1165-1223): Comiam os dois todos os dias à mesma mesa e do mesmo prato, e à noite as suas camas não o separavam. E o rei de França amava-o como à própria alma; e eles tanto se amavam que o rei de Inglaterra (pai de Ricardo, Henrique II) ficou absolutamente espantado com a grande paixão entre ambos, maravilhando-se com ela. O III Concílio de Latrão (1179) proibiu especificamente “aquela (fornicação) que é contra a natureza”. Qualquer padre apanhado no ato de sodomia seria despadrado e confinado a um mosteiro para o resto da vida, enquanto os leigos deveriam enfrentar a

excomunhão e a exclusão social. Um édito real de Castela dizia que “quem cometer esse pecado, uma vez provado, ambos (devem) ser castrados diante de toda a população... depois pen- durados pelas pernas até à morte” (NAPHY, 2006, p. 99).

Saindo do lado histórico-científico do texto acima, e seus detalhes técnico -acadêmicos, vemos no romance de Botelho, um lirismo *belle-époque*, quando, por exemplo, descreve as *primeiras rosas da estação*, colhidas no jardim servem de contraparte narrativa à frivolidade da mulher, malícia, diante do marido que está de fraque, ela em um roupão de “caxemira cor de grão, enfeitado a renda creme” (Ibidem, p. 38). Os “olhos azedos” dela não ajudam o leitor a tomar o seu lado no geral dos acontecimentos. O narrador está calculadamente manipulado a questão do ponto de vista e das diversas possibilidades da 3ª pessoa no polo narrativo. “— Ó filha [...] — Bem! Não faltava mais nada. Agora chamar-me criança!”. O Barão “cravou na mulher um severo olhar de reprimenda” e ela olhava o teto “num bater de pé provocante. Uma trepidação elástica e felina comia-lhe o colo” (BOTELHO, 1982, p. 40).

Ele quer sair sozinho, recusa a proposta dela para irem juntos. Ela diz que preferiria não ter se casado com quem não a ama. Diz achar-se estúpida e dócil governanta a “pregar os botões das ceroulas” dele. Detalhe interessante: ela falar da roupa íntima do marido neste momento. “Os canários do lindo viveiro doirado tinham rompido numa chilreada escarninha” (BOTELHO, 1982, p. 41). Quanto signos em rotação ao mesmo tempo. Um narrador-cornucópia enche a mente do leitor com fartura. Ele bate a porta ao sair e ela vai “sepultar-se na chaise-longue”, “a chorar”, “tremar” na sua cólera impotente”, a tremar a “pobre criatura” sofria aquela “afronta” como “o bater de uma lápide fechando o túmulo” (BOTELHO, 1982, p. 42). Abel Botelho: um mestre das letras tendo quase 400 páginas a mais para traçar sua opinião sobre homoafetividade e adultério numa sociedade conservadora, mas não dispensa a síntese sínica, como nesta construção: “Ele desfeiteara-a, atirara-a à margem como uma ponta de charuto”, ela ignorava o motivo (BOTELHO, 1982, p. 42).

O narrador não descreve como está a situação deles na cama. Não se focou neste ponto. “As lágrimas gemiam gota a gota” (BOTELHO, 1982, p. 42). Simplisticamente lágrimas não geme, claro. “Desprezada, humilhada!”, o discurso indireto – livre campeia. A esposa começa a traçar analogias entre a situação dela e a de Ema Bovary. “A boca se lhe descerrava num pânico” (BOTELHO, 1982, p. 43); recuperou-se logo na confiança grande no marido, aí entra uma personagem na trama: Doroteia, uma criada, de

“[...] curiosidade velhaca”, “boca rasgada de orelha a orelha [...] nariz esborrachado – a perguntar:

A senhora chamou?

Eu não, mulher [...]

Queria desculpar, pareceu-me – arriscou [...] vossemecê quer alguma coisa? [...] sou sua amiga [...] tenho servido em Lisboa, antes dessa, 6 casas [...] os maridos saíam [...] as mulheres iam para a janela fazer frente a outros.

Não digas isso, mulher! (BOTELHO, 1982, p. 43).

Notamos também expressões populares de Portugal daquela época e classe como “Tó rola”, usando por Doroteia a criticar a baronesa por não reagir naquela hora. A tal empregada, questionada sobre a hora diz algo assim: “relógios de Lisboa tem dois ponteiros não sei para quê ... Lá na minha terra o relógio da torre da igreja tem só um ponteiro [...] e a gente governa-se com ele, e regula muito bem... agora isto de dois é uma confusão” (p. 46). Estamos em 1867 e a representação da sociedade lusa é implacável. Ao ser dispensada pela baronesa, “fuzilou nos olhos da megera [...] és como as mais!” (BOTELHO, 1982, p. 46).

Para Bataille (1989) o homem difere dos demais animais: ele é guiado na sociedade por interditos, aquilo que é proibido, ilícito ou imoral. Sobre interditos Bataille afirma que eles possuem dupla natureza, uma vez que, cada sociedade possui sua ideia do que são considerados atos imorais. O autor afirma a necessidade de burlar os interditos, mas nunca os desconsiderar em sua completude. O mal não é apenas um meio para a autossatisfação do maldito, mas do ser moral também, como vemos a seguir “Desta maneira, o Mal, considerado autenticamente, não é só o sonho do malvado, ele é de algum modo o sonho do bem.” (BATAILLE, 1989, p.18). Sobre a transgressão dos interditos o autor pontua que o homem precisa de coragem para transgredir as leis morais, mas que ao agir contra ela sentirá um sentimento de realização e finaliza comparando o ato de transgressão do homem em sua sociedade com as transgressões representadas nas obras literárias, uma vez que ela é inorgânica e desta forma pode dizer tudo (BATAILLE, 1989, p. 22). Interditos e a transgressão seriam indissociáveis, pois para que haja transgressão é necessária a existência de leis, no entanto, os interditos não devem ser ignorados e sim violados. O texto literário seria assim uma espécie de violação dos interditos. Botelho nos traz algo desta violação, pelo menos, ao expor as leis fundamentais da sociedade lisboeta da sua época. O que lemos nesta sua obra é que o mal não se encontra presente em escolhas e

atitudes que tem sua origem em tirar vantagens materiais ou pessoais tais atos são egoístas, mas o mal não é exatamente o desejo de tirar proveito de algo.

O capítulo III tem cerca de 25 páginas que incluem romântica descrição de ambientes, como o jardim (plantas dos trópicos etc.). Continua o interdiscurso com o romance *Madame Bovary*, ao observarmos Lisboa pelos olhos de Elvira, que deseja um Rodolfo, parecido com de Ema Bovary (jaquetão de veludo preto e calção de malha branca botas até o joelho, montado num soberbo cavalo negro).

O Barão estava no Grêmio, nem o canalhismo picante da literatura francesa o de Boulevard, que tentou ler, o distraía. Segue-se um passeio por Lisboa. Foi ao apartamento que alugava para encontros furtivos, em cujo “interior mercenário não palpitava a menor emoção da vida de família” (BOTELHO, 1982, p. 49). Aí temos uma observação peculiar, faltavam o pão e o fogo que caracterizam um lar. Isso numa época em que a homoafetividade ainda guardava algo que poderia levar alguém a uma punição terrível. O Barão discute parte do estudo que ele elaborava havia muito tempo, e nós aqui expomos parte da nossa pesquisa no assunto:

Durante a Peste Negra, os europeus tentaram explicar por que razão Deus os castigara de um modo tão horrível. Muitos grupos começaram a ser apontados como bodes expiatórios. [...] com a ajuda dos pregadores e dos moralistas era fácil perceber que a ira de Deus fora provocada pela imoralidade sexual. Dois grupos passaram a estar na linha de fogo (literalmente, correndo o risco de ir parar à fogueira): os sodomitas e as prostitutas [...] estes grupos tornaram-se a maior ameaça para a sociedade, a causa de todos os males e problemas. A solução era a erradicação. A Europa queria apagar os últimos vestígios da polissexualidade clássica ou da licenciosidade da alta Idade Média [...] até muito tarde no século XV (e em muitos casos, até ao século XVI) os bordéis eram um elemento aceito – e legal – do panorama público. Os bordéis eram construídos com dinheiros públicos e dirigidos por uma “madame” (muitas vezes chamada “abadessa” ou “rainha das prostitutas”) nomeada e sancionada pelo estado. Assim, em 1447, Dijon erigiu um grandioso edifício para funcionar como bordel da cidade. Tinha aposentos para a gerente, uma espaçosa sala de estar e quase duas dezenas de grandes quartos, todos com lareira de pedra. Esta cidade de 10.000 almas encontrava-se muito bem provida, com mais de 100 prostitutas legalizadas (NAPHY, 2006, p. 105).

Tinha trinta e dois anos o Barão. O narrador dá-lhe descrição típica do naturalismo, o que inclui até dermatose, para comparar como o tempo fez seu trabalho implacável sobre o seu rosto. Chega o rapaz, pés descalços para o encontro marcado na saída do circo (capítulo 1). As descrições minuciosas continuarão por toda a narrativa. Muitas vezes excessivas. O Barão despiu o torso do rapaz de 16 anos: “colo alvo, carnudo [...] gordos peitorais [...] como fruta madura [...] o Barão inflamou-se [...] cravou-lhe um beijo sôfrego [...] turbulências fatais de sodomita”. Inteiramente nu o rapaz foi ordenado a ficar sobre um estrado; “o tórax num branco lácteo” (BOTELHO, 1982, p. 54 - 56). O Barão faz um desenho dele, que possuía “a particularidade anatômica que procurava”.

Dezenas de rapazes, mulheres e moças haviam estado ali, antes, na Rua da Rosa, onde o Barão examinava-lhes a nudez, na realização da sua fantasia. Ali está o rapaz que lhe pediu a senhora para revender, quando saiu subitamente do circo; a quem dera antecipadamente uma moeda de ouro.

“Diz-se que só as palavras têm emprego, não as frases, mas no fundo de cada figura jaz uma frase, quase sempre desconhecida (inconsciente?) que é empregada na economia significativa do sujeito apaixonado” (BARTHES, 1991, p.3). a personagem do Barão é construída astuciosamente pelo autor através de acúmulos de pequenos detalhes como partículas que vão se reunindo. Vejamos seus próximos passos.

Ele largou o lápis, os maxilares “oscilaram-lhe num jeito de carnívoro, foi formar o rapaz nos braços e refugiou-se com ele na penumbra da alcova...” (BOTELHO, 1982, p. 58). Como vemos não há descrição do ato sexual, ainda.

Pausa, espaço, maior entre os parágrafos, uma hora depois, vem o diálogo entre eles. O rapaz diz que já foi preso uma vez, por “gatunagem”, era inocente, reclama, “minha liberdade vale mais que pão!” (BOTELHO, 1982, p. 59). Novamente a palavra pão é mencionada neste trecho como signo. O Barão propõe-lhe morar ali: mantido por ele. “Estou por que o senhor quiser”, foi sua resposta (BOTELHO, 1982, p. 60). O Barão dá ordem a uma senhorita Ana, que trabalha na loja do térreo sobre o novo morador. Há que se notar que às vezes a palavra Barão é escrita ora com minúscula ora com maiúscula (principalmente no discurso direto), como se para o leitor fosse permitido o “b” minúsculo pela intimidade com o personagem. “É tua criada”, diz o Barão ao rapaz, dando-lhe mais duas moedas de ouro, ordenando que se lavassem bem. “O pederasta desceu rápido a escada, a luz ferindo-lhe os olhos levou-o a certo arrependimento a embuçar em mil reocupações funestas” (Ibidem, p. 61).

Forma e conteúdo, elementos fundamentais da obra literária, em concomitância e unidade traduzem bem o indizível desta situação um tanto vexatória, para dizer o mínimo, parece uma realidade concreta o que se oferece no leitor, mas não é, é apenas arte, de concreto temos apenas a forma da obra, sua expressão. O conteúdo é realidade abstrata que existiu no espírito do autor e passa a existir no espírito do leitor, através da forma e conteúdo expostos ali (essa separação é meramente teórica).

Sim, em média os capítulos neste romance têm cerca de 25 páginas. No capítulo IV, personagens secundários são descritos com capricho quase inútil. Elvira e Sebastião estão em público, com amigos. As futilidades dos ricos, a zombar do “mundanismo lisboeta” [...] falava-se em Falstaff e como “o mundo agonizava entre o bordel, e o quartel” (BOTELHO, 1982, p. 80). Na volta, no *coupé* (carruagem), o casal briga, ele não gostou de ver Elvira de intimidades com o Xavier da Câmara, espécie de garanhão da alta sociedade. Humilha-a de cabeça “ventoinheira”. Em casa ele tenta consolá-la por chorar, na cama, ele estava no quarto ao lado e veio até ela: “quero-te muito, Vivi!” (BOTELHO, 1982, p. 89).

O leitor lê, pela primeira vez, sobre o casal na cama, onde Sebastião expõe a “hipertermia da sua virilidade ao contato daquela mulher moça e formosa” (BOTELHO, 1982, p. 90). “Deixa-me”, disse ela, ao “contágio sensual do marido [...] — Peço-te, vai-te. E o Barão deitou-se, mas ao lado dela [...] os dois afogaram num íntimo amplexo – longo, suspirado, elétrico – as últimas asperezas da contenda” (BOTELHO, 1982, p. 90). Sim, bissexual como se dizia antigamente.

Como vimos: a forma, expressão ou linguagem é um elemento concreto, estruturado no sentido de construído com palavra e frases que podemos ler, analisar objetivamente. Os termos que Elvira, o barão e o narrador usam, vão tecendo o elemento que nos fixa o conteúdo e o transmite do espírito do autor ao nosso, leitores. Já o conteúdo carregado e fixado pela forma, é realidade imaterial. Ações e personagens criadas pela imaginação do autor, passam a existir para nós, apenas na imaginação. Os significados, aí, também são imateriais.

Em sua “sinistra andromania”, D. Sebastião (ora ele é chamado assim, ora “Barão, pelo narrador), nos seus encontros, com o rapaz no seu apartamento da Rua da Rosa, “lubricamente”, muitas vezes, depois de uma demorada “cena” com o rapaz (como diz o narrador), o Barão saía “combalido, esgotado, trôpego, com os nervos debilitados, o olhar dolorido, a alma humilhada e sombria” (BOTELHO, 1982, p. 91). O narrador atribui isso à anormalidade fisiológica daquele ato. Como vemos a seleção vocabular, ao lado da combinação dos



signos postos em volátil rotação, levam o leitor a um certo frenesi de curiosidade perversa. É citada a

[...] arrogância genital do Barão, sua evolução orgânica ao máximo [...] apetites de penetração e posse que o homem sente de ordinário para com a mulher [...] todavia [...] um movimento efeminado: falcava-lhe no espírito [...] a passividade [...] se entregar, de ser possuído, gozado, de ser fêmeado em suma (BOTELHO, 1982, p. 92).

Aqui estamos penetrando numa sondagem psicológica, que assume logo o caráter positivista a apontar que aquilo era o fim de linhagem “pobre” do Barão. Um “edema da natureza moral, purulento, mole, crescendo traiçoeiramente sem dor e sem prurida”. O próprio subtítulo da obra nos sugere esta dedução “patologia social”. A ruína patológica do Barão, que por dentro via próprio horror... “na profundidade obscena do seu aviltamento, chegava a desprezar-se” (BOTELHO, 1982, p. 93).

Os “movimentos salutares” com a esposa, eram perturbados por rapazes que o chantageavam. Passam-se os meses com o novo rapaz, na mesma “efervescência”, ao contrário do que aconteceu com os outros: “um amor estranho, “doentia obsessão, paixão fria como um espelho na penumbra” (BOTELHO, 1982, p. 95). Cabe aqui analisarmos como isso poderia ser analisado em termos de Teoria da Literatura: a literatura é um **discurso não-pragmático**. Isto não significa que não possam ser lidos de maneira pragmática, não é? Está longe a possibilidade de ser clara a possibilidade de distinguirmos nitidamente entre as maneiras “prática” e não-prática” de nos relacionarmos com a linguagem. Literatura seria o um enfoque na maneira de falar e não na realidade daquilo que se fala. É uma espécie de linguagem **autorreferencial**. A Literatura não pode ser definida “objetivamente”. (EAGLETON, 1997, p. 1). Há pessoas comuns que consideram a “literatura” como a escrita que parece “bonita”. (EAGLETON, 1997, p. 14). A literatura não é uma entidade estável e bem definida. São notoriamente variáveis os juízos de valor nesta área. Os interesses são constitutivos de nosso conhecimento. O ato de classificar algo como literatura é extremamente instável. VALOR significa tudo aquilo que é considerado valoroso, por certas pessoas, em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos.

Em seu famoso estudo A prática da crítica literária, (1929), o crítico Ivor Armstrong (I.A.) RICHARDS (Universidade de Cambridge) procurou demonstrar

como os juízos de valor literários podem ser subjetivos e caprichosos. (EAGLETON, 1997, p. 21). Há uma estreita relação deles com as ideologias sociais.

Interpretamos LITERATURA, até certo ponto, à luz de nossos próprios interesses? “Nosso” Homero não igual ao Homero da Idade Média, nem “nosso” Shakespeare igual ao dos contemporâneos deste autor. As obras literárias são “reescritas, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem”, (EAGLETON, 1997, p. 17). A pretensão de que o conhecimento deve ser isento de valores é, em si, um juízo de valor. (EAGLETON, 1997, p. 17). O que dizer de uma pessoa que acredita que os papéis sexuais têm raízes apenas na biologia humana?

Vemos aí algo que beira o lirismo trágico. O rapaz era um “enjeitado”, fruto das relações sexuais de um militar com uma freira. Aos dez saiu da casa de misericórdia para o trabalho como serviçal, trabalho marítimo, remar, manejar cabos que lhe calejaram as mãos. Roubou o patrão e fugiu para Lisboa (veio de Aveiros, onde nasceu). “Hoje num bairro, amanhã em outro” (BOTELHO, 1982, p. 96), dormindo no vão das pontes ou em lugares assim. Tornou-se vendedor, de rua, ganhava gorjetas. Não sabemos se o Barão foi o primeiro homem com quem se deitou. Revela-se o seu nome: Eugênio Dias Lebre, apelidado de: *o marcado*, por uma cicatriz perto do sovaco. Ganhou muito dinheiro para “aturar” o Barão.

Eugênio tinha tudo do melhor, no crédito do amante. Até o seu falar foi corrigido, mesmo que o Barão gostasse de ouvir os “plebeísmos” vindos da “boca acerejada” do amante, de “sabor acanhado” (BOTELHO, 1982, p. 99). O Barão queria transformá-lo num dândi e um dia apresentá-lo às pessoas das suas relações, como num arremedo de um Pigmaleão.

Eugênio, que possuía “assombiante faculdade assimilativa”, traçou um plano para se arranjar na vida, através do “cínico” barão que ia-lhe ensinando tudo. O rapaz aprendeu a usar talheres e outras coisas do mundo dos ricos. Por dezenas de páginas continuam as digressões: arte, história etc. Passa-se o tempo e Eugênio ganha vida própria. Sebastião sofre, mas resiste. As pessoas olhavam-no implorantes. Mas no capítulo VI esta situação eclode: “Filho, não me deixes! [...] faça o que quiseres!” (BOTELHO, 1982, p. 131). Eugênio diz que está de caso com uma judia chamada Ester, que está há seis meses “na vida”. O jovem quer ir a Sintra com ela, o Barão vai junto.

Vejamos, a forma e o conteúdo de uma obra, sendo realidades distintas, podem ser teoricamente separáveis, surgirem do ato criador do autor, impõem-se aos leitores, formam unidade, conscientizadas por nós em conjunto. As imagens do palacete do Barão e seu apartamento com Eugênio, saltam da

criação de artista para o ato recriador do leitor, que as compõe no seu íntimo, onde forma e conteúdo são concomitantes realidades, interativas, inter-relacionadas. A teoria literária as tem como unidade, e quando as separa é para metodizar suas reflexões.

A mãe de Elvira, D. Jacinta, diz que se o que o Barão queria era uma escrava e não uma esposa “que fosse aos pretos, busca-la!” (BOTELHO, 1982, p. 135). Reclama do genro. O narrador aproveita para deixar o leitor contra ela: “no sovaco fumava um fartum sebáceo e frente [...] na grande massa do seio [...] mole [...] desapareceu o queixo, o nariz e a longa face encaraminhada, de sua congestionada [...] cabeça barbada de matrona” (BOTELHO, 1982, p. 137).

Num jogo, o narrador nos deixa sem saber da viagem do Barão a Sintra, com o namorado e uma prostituta judia. Elvira surtava, saíra à noite desesperada, voltara deprimida. No dia seguinte o Barão convidou o namorado a ir à casa, para ser recebido por Elvira, que vai começar, sua vingança.

A narrativa segue com as digressões sobre arte, como Oscar Wilde fará em *O retrato de Dorian Gray*, por páginas e mais páginas. Eugênio torna-se assíduo e Elvira, íntima dele. Eugênio mal sabe ler. Espalha-se que o Barão é sodomita. Até que um amigo íntimo, Henrique o questiona sobre Eugênio:

- Tens com ele...?
- Não [...]
- [...] Sabes que falam [...] és casado. E o Barão, instando-se:
- Que maçadores moralistas! [...]
- Desculpa ... (BOTELHO, p. 177).

Houve a questão do Xavier da Câmara, que se mostrou atirado para Elvira, numa festa, e até quis, também, tomar Eugênio como amante. O Barão enfureceu-se. A alta sociedade se une para o aniversário de Elvira. Muito luxo exibido na narrativa rebuscada, aí. De repente, alguém falou alto (coronel): “Metem-me nojo essa gente a quem dá para gostar de garotos ...” (BOTELHO, 1982, p. 190). O Barão surpreende a todos e chama à atenção, dizendo o contrário, no aniversário da esposa. Todos olharam intrigados. O Barão prossegue a dizer que na natureza os machos são mais belos que as fêmeas, Xavier da Câmara não concordou com algum ponto e o barão retrucou: “Que outro qualquer divergisse das minhas ideias... mas o senhor!...” (BOTELHO, 1982, p. 195). Há um começo de briga, mas desfaz-se.

Elvira achava Eugênio um imbecil sensaborão. Este, com o dinheiro que o Barão lhe dava, alugou uma casa para a amante Ester, da relação entre eles, o

leitor sabe pouco. O narrador descreve todo o ato homoafetivo com desprezo e preconceito: a amante Ester sabia de que “sodomítica origem lhe vinha a abundância” que Eugênio lhe oferecia “mas não se importava” (BOTELHO, 1982, p. 203).

Por várias páginas a narrativa cede à crônica de Lisboa. A cidade é retratada de modo pitoresco, por exemplo da página 207 a 218, uma noite de junho no Centro da Cidade. A baronesa começa a sentir-se atraída pelo amante do marido, este mete-se num duelo e fica ferido, o que deixou o rapaz com mais tempo livre. Elvira começa assim a ceder à beleza tentadora de Eugênio. Ela pensa em adultério por “este belo rapaz, primitivo e bronco” (BOTELHO, 1982, p. 240). O barão pede que se tratem por primos. O rapaz queria “possuir, gozar a baronesa!” (BOTELHO, 1982, p. 242). O barão não percebia, convalescente que estava do ferimento sofrido no duelo. Cuidado na cama pelo amante e pela esposa.

Temos aqui a obra literária como reunião (mais ou menos arbitrária?) de artifícios na utilização de imagens, ritmo, sintaxe, métrica, rima, técnicas narrativas, enfim, elementos literários formais que provocariam o efeito de “estranhamento”, ou *desfamiliarização*. Sob a pressão de tais artifícios a linguagem comum era intensificada, condensada, torcida, reduzida, ampliada, invertida, renovando reações habituais, tornando os objetos mais perceptíveis. Resultado: intensificação de nossa vida material, no dizer de Eagleton, 1997, p.42). O narrador da metade do livro em diante mergulha mais nas personagens Eugênio e Elvira, mas há também excessivas descrições paisagens/ambientes. Esta foi com o barão para temporada na praia de Figueira. Ele escrevia cartas a Eugênio, que zombava deles com sua amante Esther. Queimava tal correspondência, na maior parte das vezes, sem as ler. O narrador não deixa de opinar pelo lado da conveniência. Imaginamos que não deve ter sido fácil para Botelho publicar sua obra tão carregada de informações sobre a Lisboa da sua época em comparação com tantas outras cidades e épocas.

Para Naphy (2016), em toda a história e em todo o mundo a homossexualidade é menos comum do que a heterossexualidade (a atração e os atos sexuais entre pessoas do sexo oposto). No entanto, isto é claramente uma característica muito real da espécie humana no seu todo. A existência de pessoas homoafetivas é, por outras palavras, uma componente natural da humanidade – é uma característica normal da condição humana. “Salientamos que o cristianismo sempre teve uma atitude muito negativa para com o sexo em geral” (NAPHY, 2006, p. 284) (dicotomia cristã entre o espírito e a carne), desejo explícito de

“mortificar” o lado carnal, repulsa às atividades sexuais não procriadoras: seria isto um exemplo extremo da propagação imperialista da cultura e valores ocidentais em geral, quando a vasta maioria das culturas reconheceu que a atração homossexual é apenas uma faceta da condição humana? Seria a homossexualidade anormal, antinatural?

Ao voltarem a Lisboa a baronesa cedeu ao adultério: “Eugênio tocou com os lábios em fogo a nuca da baronesa” e confessou “lhe quero muito [...] é tempo, Elvira, vamos!” (BOTELHO, 1982, p. 271); a baronesa cedeu à “ousadia máscula de Eugênio” (Ibidem, p. 274). Em “soma dialética, a baronesa hesitava e tornava-se a fixar” [...] era fascinação dialética” (Ibidem, p. 277). O barão chegava depois, Elvira tinha feito sexo com Eugênio.

A sociedade percebe o triângulo. Elvira não desconfiava do marido. Isso parece uma falha na trama até mais da metade do livro, mas este ardil não vai durar muito. Eugênio pede dinheiro a ela, também, que teve que vender muitas coisas suas para dar mais e mais dinheiro a ele. Encheu-se de débitos.

Elvira confessa à mãe que o jovem a levou à ruína e a chantageia. O barão desconfia do caso de um amante com a baronesa, insinuando pela empregada bisbilhoteira, Doroteia. “Casar, casar. Que asneira! Fora o erro capital da sua vida! [...] a vida era para cada um gozar [...] perdulariamente!” (BOTELHO, 1982, p. 300-301). Pensa em mandar embora a mulher e ficar com Eugênio. Mas, quando teve certeza que o amante da esposa era Eugênio, que os dois tinham um caso, sua vida tornou-se um inferno. Aqui o narrador quase transforma tudo em melodrama, mas vence a estética naturalista. Ele traça um plano: queria flagrar os dois; a esposa e o Eugênio, na situação comprometedor. Fingiu que ia viajar e voltou mais tarde, sorrateiramente. E viu tudo: os dois na nudez do ato. Elvira enroscou-se aos pés dele, que mostrou-lhe um revólver e trancou a porta à chave, ao entrar. Eugênio fugiu. O barão foi atrás dele. Terminou na casa do amigo Henrique, a quem, em estado de choque, contou tudo, sobre sua vida “secreta”.

Enquanto isso um amigo vai à casa do barão e conta que toda a cidade sabia do caso que o marido dela mantinha com Eugênio. “Tal assombro fulminou Elvira de morte. Esmagada de espanto e dor”. (BOTELHO, 1982, p. 347).

“Toda uma pequena mitologia tende a nos fazer acreditar que o prazer (e singularmente o prazer do texto) é uma ideia de direita[...] suspeita-se, desdenha-se de qualquer resíduo de hedonismo” (BARTHES, 2002, p.30). Estamos aqui diante do hedonismo, sim. O barão só pensa em fugir e como quem larga uma roupa suja vestir uma limpa. Recusa-se a descer à “separação judicial”, fez

notificar a esposa que não viveria mais com ela. (BOTELHO, 1982, p. 349). A narrativa dá um salto, de um parágrafo para o outro deste clímax e vai se tornar mais e mais amarga e causticante: passados seis meses, entendemos que o Barão fora morar longe. “No regresso, o barão vinha como novo. Amnesia por inteiro do passado. Transfigurava-se. Era agora uma outra personagem, um homem de longe, um estranho, um ignorante” (Ibidem, p. 350). Resolveu possuir um ateliê fotográfico e trabalhar o nu artístico, mas não encontrou modelos.

No capítulo XIV (p. 369) sabemos que Eugênio vai debutar como ator numa opereta. Passara um tempo no exterior com uma mulher de quem “sugara contos de réis”. E vem a noite da tal estreia. Ele entrou com uma malha justa, cantou e foi aplaudido. Ficara famoso com o escandaloso caso com o barão e a baronesa. O barão aplaudiu de pé e ia a todas as apresentações.

Vem o carnaval, o “Entrudo”. O barão levou um outro rapaz a um hotel barato para fazerem sexo. Depois do ato, pergunta: “— Nunca ninguém te tinha feito isto? Ao que o rapaz, que lhe respondeu, abotoando-se: — Ainda ontem ... um padre. Era preto” (BOTELHO, 1982, p. 350).

Típica do Naturalismo, a descrição do ato é feita de modo chocante e a narrativa vai perdendo vigor, ralentando: “a vida do barão arrasta-se, torposa e lóbrega [...] resvala às mais ínfimas degradações [...] da loucura e da infância” (BOTELHO, 1982, p. 382). O personagem principal deixou as paixões dominarem-no: “tinha na alma a corrupção do século” (p. 582). O anti-herói é apontado como solitário, egoísta, desocupado, sem família: “faminto de gozar” (BOTELHO, 1982, p. 383). A única coisa que ele guardou foi sua preciosa estampa *O rapto de Ganimedes*, única coisa que restou do acervo da antiga mansão.

Sua alimentação vinha dos amigos. O amigo marquês dava-lhe uma mesada. Mesmo assim o barão pedia a um e a outro. Ele se esgueirava pelas ruas somente à noite. O narrador fala em “crise de eretismo” ou ainda “derradeiras contorções do seu tarantular sinistro” (BOTELHO, p. 388). Problemas sérios com os rins, tórax, intestinos, tendões, formigamentos, crise gástrica, vômitos biliosos, ciática, diabetes. Ele desmaiava, não conseguia dominar o corpo, não sentia os pés, enfim: total decadência. O quadro clínico indicava paralisia e morte. Um calvário. Ao mesmo tempo atormentava-lhe o priapismo, a bulimia, “derramamentos seminais [...] como um símio, masturbava-se, começou a prostituir-se pensou em pedir esmolas. Rolava em crises epiléticas de dor e desespero. Era o escarro de homem.” (BOTELHO, 1982, p. 94)

Se o personagem Eugênio só reapareceu num pequeno trecho, depois de quase uma centena de páginas, o mesmo se dá com o da baronesa Elvira, que

só reaparece no último capítulo, o de número XVII: a lembrar-se da “paixão toda animal” por Eugênio, já superada. Reatou amizade com um antigo namorado, e segue nesta afeição “discreta e doce”. Estava com quarenta anos (BOTELHO, 1982, p. 408).

Mais adiante, nas últimas páginas do romance, o barão aparece “velhinho”, pensando em suicídio. Morreu achincalhado por uns rapazes, o velho barão no chão da rua, “velhinho, encarquilhado [...] foi um policial acudir [...] imaginava um bêbado, defrontou com um cadáver”. (BOTELHO, 1982, p. 415), são as palavras finais. E vem o tempo que o autor gastou escrevendo o livro: “Março de 1888 a maio de 1889”.

## O drama do Barão

O *Barão de Lavos* nos pega no meio de um torvelinho, um emaranhado de fios dando nós quase impossíveis de desatar, imagens sobrepostas de uma humanidade que tanto no Ocidente quanto no Oriente, tanto nas antigas civilizações quanto na mais novas é assunto considerado tabu. Raciocinemos sobre os exemplos a seguir, alguns deles com dados fornecido por Naphy:

Por volta de 1900, outro chefe zulu seguiu o exemplo de Chaka, ordenando que os seus soldados se abstivessem do sexo com mulheres. “Nongoloza” Mathebula (1867-1948), também conhecido por “rei Nínive”, chefiou um movimento de resistência contra os brancos na África do Sul. Os soldados mais velhos (*ikhela*) deviam escolher rapazes adolescentes (*abafana*) como “esposas-rapazes” (*izinkotshone*). Quando foi preso e julgado contou que os atos homossexuais eram vulgares entre os seus guerreiros. [...] Duas características da mentalidade colonial vêm complicar ainda mais as tentativas de identificar a presença da homossexualidade no Zimbabué. Em primeiro lugar, embora quisessem controlar o comportamento sexual dos brancos para evitar o escândalo, os Britânicos tinham também uma tendência para evitar debates públicos sobre os julgamentos de sodomia (NAPHY, 2006, p. 237 – 240).

Sabemos que forma e conteúdo estão juntos no autor, não de forma profunda, pois ele empenha-se em expressar o estado (emocional?) que o domina na intuição e técnica criativa. Mas há aí algo indizível. Assim, a obra desencadeia no apreciador um complexo sistema de reações reflexivas, diferentes a cada um deles.



Numa linguagem com passagens extremamente rebuscadas e outras simples e diretas, temos o retrato de um personagem que beira a caricatura, pela sua afetação, forjada pela narrativa parcial ao tratar de certos problemas da homoafetividade. Chega-se ao ponto onde a esposa, descrita como “burguesita”, vai apresentar as suas armas. Se Eugênio, o “efebo”, já deu prenúncio dos seus arroubos, agora será a voz da personagem Elvira expressar a que veio. Quais as intenções do autor ao levar a narrativa a este patamar?

Raciocinemos: o conteúdo de uma obra literária (e sua forma), o que está nas linhas, entrelinhas e o que é silenciado, tudo isso lida também com o indefinível e o indizível. O ficcionista empenha-se na expressão do diz e não do que que desejaria dizer ao leitor. Ele o diz, mas o fenômeno literário é mais do que isto.

As atitudes dos personagens produzem em nós uma reação: “como se diz isso? Que é isso? Por quê? São perguntas que vamos nos fazendo, enquanto leitores. Até que ponto o que lemos não é o que temos em nós? Podemos encontrar na obra momentos semelhantes a certas recordações nossas, a respeito de nós mesmos ou de outros que conhecemos. O drama do Barão e o da sua esposa fecha-se num triângulo perverso, sob os olhos de uma sociedade que lida muito mal com este problema tão complexo chamado homoafetividade, que até onde se sabe é atemporal e universal.

O romance escrito é uma realidade material, um fato concreto que, lido, se transformará em nós numa realidade abstrata. A base da narrativa é a estrutura linguística (escrita ou falada). O escritor varia a estrutura expressiva das obras, esta estrutura pode apresentar-se muito variada, quanto aos níveis de expressão (popular, erudito etc.) depende, às vezes, do tipo de conteúdo que o escritor quer transmitir. Ariano Suassuna nas suas comédias buscou a estrutura da fala popular, fez isto com empenho técnico eficaz para levar o leitor a sentir e compreender a sua obra.

A análise literária vai à estrutura da obra, verifica como o autor trabalhou os materiais linguísticos. Não é só a gramática que importa, e sim a manipulação destes materiais linguísticos, como em qualquer obra literária, que vai dar valor, também, às obras como nesta, *O Barão de Lavos*, onde a escrita flameja em excitação devastadora e ácida, a gozar e sofrer, na cauda dos instintos, na “febre da luxúria ardente”, para citar uma expressão do autor (BOTELHO, 1982, p. 199).

## RESULTADOS

Este artigo busca contribuir com a luta pelo direitos à homoafetividade. Tratar este tema em sala de aula se faz algo de extrema urgência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa constatamos a necessidade de um debate mais amplo na sociedade contemporânea sobre este fator tão importante que é a identidade sexual e afetiva. Não podemos mais tratar este tema como assunto separado de todas as outras lutas como o classismo, machismo, racismo, indigenismo, dentre outras lutas sociais.

## REFERÊNCIAS

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura**. COIMBRA: Livraria Almadina, 1991.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 70.

BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.

\_\_\_\_\_. **O erotismo**. Autêntica: São Paulo, 2013.

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Ática, 2012.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, Nelson Luiz de. **O terceiro travesseiro**. São Paulo: Mandarin, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ediouro 1999.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão e outros trabalhos, 1927-1931**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização e outros trabalhos, 1927-1931**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

\_\_\_\_\_. **Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002

NAPHY, William. **Born to be gay: História da Homossexualidade**. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2006.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.